



POLÍTICA OPERÁRIA

Somente a luta organizada pode defender a vida dos explorados

Um ano e três meses de Pandemia mais do que provou que a passividade da classe operária e demais oprimidos é o seu pior inimigo. As centrais, sindicatos e movimentos, ao abrirem mão da luta organizada, e se refugiarem no mundo virtual, deixaram a maioria explorada indefesa. Diante do vírus mortal, os trabalhadores não tinham a quem recorrer, ficando à mercê das disputas políticas entre Bolsonaro e Doria e obrigados a confiar na eficácia do isolamento social, e a esperar a vacinação.

Os estudantes também assistiram às suas direções não mobilizarem a juventude para a luta, isso quando não as viu colaborar diretamente com a ofensiva dos governos sobre a educação. O resultado disso foi a pandemia descontrolada, o avanço do desemprego, da miséria e da fome, além do avanço contra os direitos e a educação.

29 de Maio: Um primeiro passo para romper com a passividade

Os burocratas permaneceram nos discursos virtuais mesmo no Primeiro de Maio e após o massacre de Jacarezinho. Foi somente quando o país atingiu a marca de 460 mil mortes e Bolsonaro despencou nas pesquisas eleitorais, que as centrais decidiram realizar o Dia de Mobilização Nacional em 29 de Maio, recorrendo à muleta do "Fora Bolsonaro" para potencializar a candidatura de Lula e a constituição de uma frente eleitoral ampla.

Apesar da ausência das reivindicações mais sentidas dos explorados e ausência da participação das centrais, sindicatos e direções estudantis organizadas com suas bases nas manifestações, os atos colocaram milhares nas ruas do país. Estima-se que 80 mil pessoas ocuparam a Av. Paulista, realizando uma marcha massiva até o centro da cidade. As concentrações e marchas em várias capitais assinalaram a disposição de luta, que tende a crescer depois dessa demonstração, e diante da continuidade do flagelo capitalista, que recai sobre a maioria oprimida.

O Partido Operário Revolucionário participou do ato de 29 de Maio ao lado de outras organizações políticas, compondo uma frente de luta, defendendo que as mobilizações tivessem como coluna vertebral as reivindicações mais sentidas dos explorados, de defesa dos empregos, salários, direitos e vacinação universal a começar pelos pobres e miseráveis. De fato, a política do proletariado esteve presente nos estados em que o POR está organizado.

19 DE JUNHO
16H - MASP AV. PAULISTA

Concentração **15h30** / Praça do Ciclista

TODOS À MANIFESTAÇÃO

Em defesa dos empregos, salários e direitos trabalhistas

**Fim das demissões,
estabilidade no emprego,
redução da jornada,
sem redução dos salários!**
**Vacina universal, a começar
pelos pobres e miseráveis!**
**Por um programa
de emergência próprio
dos explorados!**



**PARTIDO OPERÁRIO
REVOLUCIONÁRIO**



www.pormassas.org
PODCAST - anchor.fm/por-massas
fb.com/massas.por
por@pormassas.org

Erguer as reivindicações mais sentidas

Estão marcadas para o dia 19 de junho novas manifestações. O Boletim Juventude em Luta chama a vanguarda com consciência de classe a unir forças em torno à construção de um verdadeiro Dia Nacional de Luta, com paralisação, em defesa dos empregos, salários, direitos trabalhistas e vacinação universal, impulsionado por assembleias e comitês de base.

Que tarefas estão colocadas para nós, estudantes?

O governador aproveitou esse um ano e três meses de suspensão de aulas presenciais para implantar o Ensino à Distância. Faz uma ofensiva para dobrar o número de escolas de tempo integral (PEIs). Hoje, já são 1040 e a proposta é atingir metade da rede estadual. Inventou o EJATEC e o Novotec, para criar um ensino virtual profissional. Reduziu a carga horária das disciplinas para introduzir as denominadas “eletivas”, os tais “projetos de vida”. No Ensino Médio, eliminou disciplinas para impor os “Itinerários formativos”. Toda essa parafernália, para

justificar o fechamento de cursos noturnos e ampliar o ensino virtual.

São, portanto, medidas (chamadas de reformas) para diminuir a responsabilidade do Estado para com o financiamento da educação. Trata-se da implementação da PEC dos gastos, que corta recursos da educação e de outras áreas sociais. Usou, assim, a pandemia e a passividade e colaboração das direções estudantis para avançar com o Ensino à Distância, um mecanismo que visa a privatização de parte da Educação Básica.

QUAIS AS CONSEQUÊNCIAS PARA OS ESTUDANTES?

1. Fechamento de cursos noturnos, obrigando a recorrer a escolas distantes de sua moradia;
2. Aumento da evasão escolar, pois uma parte acaba abandonando os estudos;
3. Introdução de disciplinas (eletivas), que nada têm a ver com as necessidades da juventude, que necessita combinar os estudos com o trabalho;
4. Invenção de cursos supostamente profissionalizantes, que visam unicamente beneficiar as empresas que vendem as plataformas virtuais.

O QUE FAZER?

1. Exigir que as direções estudantis saiam da passividade (do “fique em casa”) para organizar a luta contra esses projetos de Doria;
2. Exigir que os diretores de escolas convoquem as reuniões presenciais, para que os estudantes possam decidir o destino de sua escola;
3. Ativar os grêmios estudantis para que seus membros não sejam cooptados pelos diretores de escolas na implantação dos PEIs, Novotec, EJATEC etc.

ENEM: mais uma expressão do avanço da destruição do ensino e da barbárie

Em portaria com as metas globais do Inep, publicada no dia 11 do mês passado, não estava presente a aplicação ainda este ano do ENEM 2021. Isso levou ao questionamento sobre um possível adiamento do exame para 2022. Ainda que tal adiamento não tenha se confirmado, o motivo do questionamento foi o evidente corte de verbas e certamente não a pandemia, já que o governo é negacionista e inclusive aplicou o ENEM 2020 no início desse ano em meio à crise sanitária. O orçamento deste ano reduziu ainda mais as verbas para as áreas sociais, aplicando a Emenda Parlamentar de limitação dos gastos públicos imposta pelo governo Temer, o que prejudicou uma série de atividades, a exemplo da realização do Censo Demográfico do IBGE.

É preciso lembrar que o ENEM 2020 foi um fracasso completo. A abstenção atingiu 51,5% dos inscritos no primeiro dia e 55,3% no segundo dia. No ENEM Digital, a abstenção chegou a 71,3%. As causas da abstenção são diversas, tais como o receio da contaminação ou a falta de

perspectivas de entrar e de se formar na educação superior em meio às crises sanitária, econômica e social. Esses fatores somados a outras dificuldades, como a imperiosa necessidade de buscar trabalho diante dos altos níveis de desemprego que assolam os jovens e suas famílias, explicam as altíssimas taxas de abandono e evasão escolar.

O fundamental é que os ataques à educação só vêm se aprofundando e a presente situação de avanço da miséria ajuda a deixar claro o caráter excludente e elitista do ENEM e dos vestibulares. Os filtros ao acesso ao ensino superior servem apenas para excluir a maioria. Temos de defender a garantia do acesso universal a todos em todos os níveis da educação. Para isso, é preciso defender a universidade pública e gratuita, além das condições de vida da juventude. Precisamos cobrar das direções das entidades estudantis que organizem a luta da juventude em aliança com os trabalhadores, em defesa dos empregos, salários e para acabar de uma vez por todas com esse filtro social. ■